

Sarney prevê confronto com os credores

Nelio Rodrigues

Os bancos estrangeiros estão tentando isolar o Brasil na questão da dívida externa. Esta estratégia não é nada prudente e pode levar a uma verdadeira situação de confronto com a comunidade financeira internacional, coisa que o governo tem, até aqui, procurado evitar. Este alerta foi feito pelo presidente José Sarney ao presidente da República Federal da Alemanha, Richard Von Weitsacker, durante um jantar no Palácio da Alvorada, domingo. Sarney está convicto de que o presidente alemão vai se encarregar de transmitir o seu alerta a outros dirigentes das nações desenvolvidas.

O Brasil atravessa, segundo disse o presidente Sarney ao presidente da RFA, um momento muito delicado de reconstrução da vida democrática e das suas instituições. Trata-se o Brasil de um país muito sensível e que tem no momento sua constituição praticamente em aberto. Um confronto com o sistema financeiro internacional, neste exato momento, pode trazer sérios riscos de instabilidade interna do país. "Não é prudente tentar isolar o Brasil" — disse, enfático, o presidente Sarney.

Para o presidente Sarney, os banqueiros não sairiam ganhando numa situação de confronto como país. Pelo contrário, perderiam tudo, pois esta situação de confronto despertaria os ânimos de muitas forças políticas no país que o conduziriam a uma radicalização de suas posições, tornando as negociações absolutamente impossíveis com os banqueiros.

A moratória brasileira foi decretada para que o país ganhasse espaço para a negociação da sua dívida externa, diante das crescentes dificuldades econômicas atravessadas, de excessiva carga do serviço da dívida e de consequente exaustão das suas reservas internacionais.

Confronto

Foi exatamente porque não quer um confronto com a comunidade financeira

internacional que o Brasil não adotou antes a moratória, quando ainda detinha um nível de reservas internacionais de US\$ 11 bilhões de dólares. A suspensão do pagamento dos juros da dívida externa, segundo disse Sarney ao presidente alemão, somente foi adotada quando a situação da dívida externa do país se tornou negativamente insuportável.

Sarney explicou que, após a primeira guerra, o Tratado de Versalhes impôs à Alemanha um encargo de reparação de guerra da ordem de 2,8% do Produto Interno Bruto (PIB) do país. Este nível de remessa remoeu a alma alemã e foi um fator gerador de grande revolta, que desaguou na Segunda Guerra Mundial. Pois bem, os alemães, com razão, não aceitavam remeter para o exterior 2,8% do seu produto. E o que dizer do Brasil, que estava remetendo como serviço da dívida para o exterior 5,5% do seu PIB? — indagou Sarney.

Sarney disse que o Brasil quer negociar sua dívida externa, mas em condições suportáveis e que não venham a comprometer nem a soberania do país e nem atrofiar o seu crescimento econômico. E é exatamente para manter esta posição de não abrir mão nem da soberania e nem do crescimento que o Brasil se recusa terminantemente a aceitar o monitoramento do Fundo Monetário Internacional (FMI) — disse Sarney. O Brasil, para Sarney, vive hoje um momento de grande delicadeza e justamente por isto, tem limites muito estreitos. E faz um apelo às nações ricas, no sentido de que não forcem estes limites. Não queiram por à prova o Brasil, pois esta seria uma atitude contra-producente.

O presidente Richard Von Weitsacker concordou plenamente com as colocações de Sarney e destacou que o mundo vai compreender a situação do Brasil. Para ele, o importante é vencer a todos do vigor da economia brasileira e das potencialidades do país.



Sarney discutiu a dívida externa durante a visita do presidente da RFA, Richard Von Weitsacker